

FLC 0257 - LITERATURA LATINA: ELEGIA–2021  
Prof. Dr. Paulo Martins

## Aula 9

### Cíntia no Monobiblos

#### Siglas:

- B** = E. A. Barber (1987). *Sexti Properti Carmina*. Recognovit Brevique Adnotatione Critiva Instruxit. Editio Altera (1960). Oxonii: E Typographeo Clarendoniano. Eight impression.
- Bu** = H. E. Butler (1905). *Sexti Properti Opera Omnia*. With commentary by H. E. Butler. London: Archibald Constable & Co. Ltd.
- C** = W. A. Camps (1961-1985). *Propertius Elegies. Books I-IV*. Cambridge and Bristol: Cambridge University Press and Bristol Classical Press.
- E<sub>1</sub>** = P. J. Enk (1946). *Sex. Propertii Elegiarum liber I (Monobiblos)*. Ed. P. J. Enk. Luguduni Bataurorum: E. J. Brill.
- E<sub>2</sub>** = P. J. Enk (1962). *Sex. Propertii Elegiarum. Liber Secundus*. Cum Prolegomenis, Notis criticis, Commentario Exegetico. Leyden: In aedibus A. W. Sijthoff.
- F<sub>1</sub>** = P. Fedeli (1984). *Sexti Properti Elegiarum Libri IV*. Edidit Paulo Fedeli. Studigardiae: in Aedibus B. G. Teubneri.
- F<sub>2</sub>** = P. Fedeli (1980). *Sesto Properzio. Il Primo Libro Delle Elegie*. Introduzione, Testo Critico e Comento a cura di Paolo Fedeli. Firenze: Leo S. Olschki Editore.
- F<sub>3</sub>** = P. Fedeli (2005). *Properzio Elegie Libro II*. Introduzione, testo e Commento. Cambridge: Francis Cairns.
- F<sub>4</sub>CS** = P. Fedeli; L. Canali; R. Scarcia (1987). *Sesto Properzio Elegie*. Traduzione, Introduzione Commento. Testo Latino a Fronte (Fedeli, 1984, Teubner). Milano: Rizzoli.
- Gi** = G. Giardina (2005). *Properzio Elegie*. Edizione Critica e Traduzione. Roma: Edizioni Dell'Ateneo.
- Go** = G.P. Goold (1990). *Propertius Elegies*. Edited and Translated. Cambridge, Mass: Harvard University Press. Loeb Classical Library, 18. 1990.
- H<sub>1</sub>** = S. Heyworth (2007). *Propertius Elegos*. Edited. Oxford. Oxford at Clarendon Press. First Edition..
- H<sub>2</sub>** = S. Heyworth (2007). *Cynthia. A Companion to Text of Propertius*. Oxford: Oxford University Press.
- L** = K. Lachmann (1829). *Sextus Propertius : typis impensis Ge . Reimeri 1829*.
- M** = F. Moya; A. Ruiz de Elvira (2001). *Propercio Elegias*. Introducción, Traducción y Notas (Fedeli, 1984 com alterações). Madrid: Cátedra.
- NPASC** = A. A. Nascimento; M. C. Pimentel; P. F. Alberto; J. A. Segurado e Campos (2002). *Propércio Elegias*. Accademia Properziana Del Subasio, Assis e Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa.
- P** = D. Paganelli (1980). *Properce Élégies*. Texte établi et traduit. Sixieme tirage. Paris: Société D'Édition "Les Belles Lettres".

#### Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080  
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br

- R** = L. Richardson, Jr. (1976). *Propertius Elegies I-IV*. Edited, with Introduction and Commentary. Norman: University of Oklahoma Press and American Philological Association (APA).
- S** = M. Schuster (1958). *Sex. Propertii Elegiarum Libri IV*. Edidit Mauriz Schuster. Editionem Alteram curavit Franz Dornseiff. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri.
- SB** = D. R. Shackleton Baley (1956). *Propertiana*. Cambridge: At The University Press.
- V** = A. R. De Verger (1989). *Propertio Elegias*. Introducción, Traducción y Notas. (Fedeli, 1984, Teubner com alterações) Madrid: Editorial Gredos. Biblioteca Clásica Gredos, 131.
- Vi** = S. Viarre (2005). *Propertius Élégies*. Texte établi, traduit et commenté par Simone Viarre. Paris: Les Belles Lettres.

Propércio 1.3 – Tradução Paulo Martins	
3 <sup>1</sup>	3
<p><b>QUALIS</b> <i>Thesea</i> iacuit cedente <i>carina</i><sup>2</sup> languida desertis <i>Cnosia</i> litoribus<sup>3</sup>; qualis et accubuit primo <i>Cepheïa</i> somno<sup>4</sup> libera iam duris cotibus <i>Andromede</i><sup>5</sup>; nec minus assiduis <i>Edonis</i> fessa choreis -5 qualis in herboso concidit <i>Apidano</i>: talis uisa mihi mollem spirare quietem <i>Cynthia</i> non certis<sup>6</sup> nixa caput manibus, ebria cum multo traherem uestigia <i>Baccho</i>,</p>	<p><b>COMO</b> <i>Ariadne</i> prostrou-se exaurida na praia deserta Quando a nau de <i>Teseu</i> partiu; Como <i>Andrômeda</i>, filha de <i>Cefe</i>, deitou-se, enfim, para sono devido, já livre da dura penha; E não menos cansada de tanto dançar do que Uma <i>Edônide</i><sup>21</sup> caída no erboso <i>Apidano</i><sup>22</sup> Assim, me pareceu respirar sua suave quietude, <i>Cíntia</i>, com a cabeça apoiada nas mãos frágeis, Quando, com muito vinho, eu arrastava passos ébrios<sup>23</sup></p>

<sup>1</sup> **Go** (45) = o protótipo helenístico desta elegia se perdeu, entretanto há na *AP* 5.275 a versão bizantina de Paulo Selenciário. Alerta ainda esse epigrama permite-nos ver como por dramatização e adição de detalhes significativos Propércio teria transformado um epigrama em uma elegia.

**F**<sub>2</sub> (110) = “Em 1.3, o aspecto mais importante – esclarecedor para compreender não só a atitude de Propércio diante do modelo grego, mas também a relação entre o epigrama helenístico e a elegia latina – é constituído pela ampliação do motivo epigramático e pela fusão de gêneros literários diversos e de influxos de vários tipos. Se, de fato, o motivo central da elegia de Propércio é idêntico àquele do epigrama de Paulo Selenciário e, então, àquele da fonte helenística, os dois (o poeta que captura a mulher que ele amava em seu sono, a mulher que, ao acordar, explode em lamentações contra o comportamento do amante) é justo dizer que ‘aquilo que no epigrama é aludido nos contornos, se eleva na elegia para uma intensidade dramática’ (Fraenkel Kl. Beitr. II 215)”.

<sup>2</sup> Catul. 64.249 = cedentem...carinam. Para os vv. 1-8 e 19-20: Whitaker, R. (1983). *Myth and Personal Experience in Roman Love-Elegy*: 87-135.

<sup>3</sup> Para os vv. 1-2: Knox, P. E. (2006). “Propertius and the Neoterics”.

<sup>4</sup> Primo... somno = o primeiro sono depois de muitas noites acordada, afinal passara muitas noites presa a uma rocha, pois ela serviria de alimento a um monstro marinho. Tendo sido solta por Perseu, pôde, enfim, dormir.

<sup>5</sup> J. D. Noonan (1990-1). “Propertius I.3.3-4: Andromeda is Missing” in *CJ* 86:330-6.

<sup>6</sup> **Go** = consertis.

<sup>21</sup> Bacante.

<sup>22</sup> Rio afluente do rio Peneu, na Tessália, região noroeste do Mar Egeu. Para os vv. 1-6: P. Fedeli (2005). “Propertius e la poesia prealexandrina”, propõe que este exórdio mostra, senão o influxo sistemático da poética propertiana da poesia hesiódica, pelo menos certa coloração hesiódica (de cunho alexandrino), já que apresenta a mesma utilização dos conectivos apresentada no poema atribuído a Hesíodo, “Eoiai”.

<sup>23</sup> **F**<sub>2</sub> (120) alerta para a referência à embriaguez e excitação erótica no epigrama *AP* 12.118 = 42Pf de Call. G. Giangrande (1968). “Symptotic Literature and Epigram” in *Entretiens Fondation Hardt* XIV:167 e G.

et quaterent sera nocte facem pueri. -10	E servos <sup>24</sup> agitavam tochas a altas horas
hanc ego, nondum etiam sensus deperditus omnis, molliter impresso conor adire toro; <sup>7</sup>	E eu, ainda sem ter perdido todo o senso <sup>25</sup> , Tento ir suave até ela, apoiado no leito
et quamuis duplici correptum ardore iuberent hac <i>Amor</i> hac <i>Liber</i> , durus uterque deus, subiecto leuiter positam temptare lacerto -15	Ainda que me ordenassem, tocado por dois fogos, – <i>Amor</i> e <i>Liber</i> são deuses cruéis. A acariciá-la
osculaque admota sumere <sup>8</sup> et arma <sup>9</sup> manu non tamen ausus eram dominae turbare quietem expertae metuens iurgia saeuitiae; sed sic intentis haerebam fixus ocellis, <i>Argus</i> ut ignotis cornibus <i>Inachidos</i> . <sup>10</sup> -20	Deitada suave, pondo meus braços sob seu corpo E a seus beijos roubar e a apresentar minha arma, Contudo, não ousaria turbar a paz de minha dona, Temeroso das brigas de sua experta maldade, Antes, eu imóvel a observava com olhos fixos, Como <i>Argo</i> <sup>26</sup> , os chifres ignotos de <i>Io</i> .
et modo soluebam nostra de fronte corollas ponebamque tuis, <i>Cynthia</i> , temporibus; et modo gaudebam lapsos formare capillos; nunc furtiua cauis poma dabam manibus <sup>11</sup> : omnia quae <sup>12</sup> ingrato largibar munera <sup>13</sup> somno, 25 munera <sup>14</sup> de prono saepe uoluta sinu; et quotiens raro <sup>15</sup> duxti suspiria motu, obstupui uano credulus auspicio, ne qua tibi insolitos portarent uisa timores, neue quis inuitam cogeret esse suam: -30 donec diuersas praecurrens luna fenestras <sup>16</sup> , luna moraturis sedula luminibus,	Ora soltava a grinalda de minha frente, Ora a colocava em tua cabeça, <i>Cíntia</i> , Ora me divertia compondo teus cabelos soltos, Ora dava furtivos <sup>27</sup> pomos a tuas mãos cavas Ou concedia todos os dons ao teu sono ingrato, Dons que, amiúde, deslizavam de teus seios; Quanta vez, suspiraste com raro moto, <sup>28</sup> E gelei, crédulo, com vão augúrio De que sonhos te dessem incomuns medos Ou alguém te obrigasse a ceder contra vontade: Até que a lua, percorrendo as janelas abertas, Lua rápida que havia de deter tua luz,

Giangrande (1974). “Los Tópicos Hellénísticos em La Elegía Latina” in *Emerita* 42: 30-31. A questão do vinho e poesia erótica: Plaut., Aul. 75; Ter., Ad. 470; Ov., Am. 1.6.59-60.

<sup>7</sup> Para os vv. 9-12: Knox, P. E. (2006). “Propertius and the Neoterics”.

<sup>8</sup> C: sumere oscula e sumere arma são expressões regulares, mas como sumere não possui o mesmo significado e no segundo caso é usado metaforicamente, a combinação de ambos corrobora efeito de zeugma diferenciado.

<sup>9</sup> Go = tarda. Gi = ad ora.

<sup>10</sup> S. Raimondi (2000). “Argvs Amans (Prop. I 3,19-20- Semejanza y Pasión)” in *Emerita* 68.1:103-114.

<sup>11</sup> Para o v. 24: D. R. Shackleton Bailey (1949). “Propertiana” in *CQ* 43.1/2: 22-9. Zetzel, J. E. G. (1996). “Poetic Baldness and its Cure” in *MD* 36: 73-100: 84.

<sup>12</sup> Gi = omniaque.

<sup>13</sup> F<sub>1</sub> Munera...munera: epanadiplose.

<sup>14</sup> H<sub>1</sub> adota malaque não munera.

<sup>15</sup> Gi = tardo.

<sup>16</sup> J. Booth (2001c). “Moonshine: intertextual illumination in Propertius 1.3.31-3 and Philodemus, Anth. Pal. 5.123” in *CQ* 51: 537-44 e Cairns, F. (2011b). “Philodemus AP 5.123, the Epigrammatic Tradition, and Propertius 1.3”

<sup>24</sup> A leitura mais comum é: *pueri* = meninos, servos. Entretanto, contextualmente podemos associar a ideia de meninos à figuração dos Amores, dos Cupidos que auxiliam os amantes a consumir o ato sexual. Nesse caso iluminam com archotes o caminho do leito a ser seguido pelo amante. R.O.A.M. Lyne (1970). “Propertius and Cynthia: Elegy 1.3” in *PCPhS* 16: 60-78.

<sup>25</sup> Vale observar que a embriaguez é tópica elegíaca. (sensus deperditus omnis) O “eu-elegíaco” ora perde o senso por ser afetado pelo Amor, pelo Puer, pelo Cupido (1,1, 3-4: caput...pressit Amor - e 25-26: quaerite non sani pectoris auxilia); ora afeta-se pela ação de Baco, de Líber, ou do próprio vinho.

<sup>26</sup> Fabuloso guardião de Io, enviado por Hera, conhecido por ter cem olhos. Foi morto por Hermes.

<sup>27</sup> F<sub>2</sub> (125) aponta dois sentidos possíveis: 1) uma maçã roubada surrupiada; 2) uma maçã levada em segredo. Seja qual for, alerta que a maçã é simbólica. Sobre o simbolismo da maçã: A. R. Littlewood (1967). “The Symbolism of the Apple in Greek and Roman Literature” in *HSCPh*, 72: 147-181.

<sup>28</sup> Referência explícita ao poema 65 de Catulo em seus versos finais. Vale lembrar também que aqueles versos e, por extensão esses representam o mito de Cidipe e Acôncio, além da apresentação tópica do apophoretón. Em *Catul.* 65.20-26.

## Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080  
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br



ut sine me uento quolibet ire uelis? <sup>34</sup>		Com quem desejas ir embora, com um vento?
tune audire potes uesani murmura ponti fortis <sup>35</sup> , et in dura naue iacere potes?	-5	Será que tens coragem de ouvir murmúrios do mar bravo? E corajosa consegues deitar em rude nau <sup>63</sup> ?
tu pedibus teneris positas fulcire <sup>36</sup> pruinas, tu potes insolitas, <i>Cynthia</i> , ferre niues? <sup>37</sup>		Será que teus pés suaves suportam geadas decaídas? Será que suportas, <i>Cíntia</i> , as insólitas neves?
o utinam hibernae duplicentur tempora brumae, et sit iners tardis nauita <i>Vergiliis</i> <sup>38</sup> ,	-10	Quisesse que as brumas de inverno durassem o dobro, E o piloto parasse por causa das lentas <i>Plêiades</i> <sup>64</sup>
nec tibi <i>Tyrrhena</i> soluatur funis harena, neue inimica meas eleuet aura preces!	-11 -12	Nem as amarras te fossem soltas da tirrena areia, Nem os ventos inimigos minorassem minhas preces!
atque <sup>39</sup> ego non uideam talis <sup>40</sup> subsidere uentos <sup>41</sup> ,	-13	Contudo, que eu não veja tais ventos se acalmarem, Quando uma onda te arrebatou o barco já em alto mar,
cum tibi prouectas auferet unda ratis, ut <sup>42</sup> me defixum uacua patiat in ora	-15	De forma que a vaga permita que eu, imóvel, na praia vazia, Fique amiúde te chamando de cruel com dedo em riste <sup>65</sup> !
crudelē infesta saepe uocare manu! sed quocumque modo <sup>43</sup> de me, periura, mereris	-16 -17	Mas, seja qual for o modo que te agires comigo, falsa, Que tua viagem não tenha <i>Galateia</i> <sup>66</sup> como uma estranha <sup>67</sup> :
sit <i>Galatea</i> tuae non aliena uiae: ut te felici praeuecta <sup>44</sup> <i>Ceraunia</i> remo accipiat <sup>45</sup> placidis <i>Oricos</i> aequoribus! <sup>46</sup>	-20	Que <sup>68</sup> , ultrapassados os <i>Ceráunios</i> <sup>69</sup> com remo propício, O <i>Órico</i> <sup>70</sup> acolha-te em suas plácidas águas!

<sup>34</sup> Para os vv. 3-4; 25-6; 39-42: G. Parker (2008). “The gender of travel : Cynthia and others” in MD 61 : 85-99.

<sup>35</sup> **Gi** = mollis.

<sup>36</sup> **Gi** = calcare.

<sup>37</sup> Para os vv. 1-8: Videau (2011) *Élégie d'amour, élégie d'exil: le sujet romain au temps des guerres civiles*.

<sup>38</sup> **F<sub>2</sub>** (213) = Prefere, como eu mesmo assumo, o ablativo de causa ao absoluto, ou mesmo, ao de companhia.

<sup>39</sup> **Gi** = aut.

<sup>40</sup> **H<sub>1</sub>** = faciles.

<sup>41</sup> **Go**, **H<sub>1</sub>**, **Gi** e **Vi** = transpõem para 13 versos de 15-18, ficando a seguinte ordem 12,15,16, 17, 18, 13. G. Giardina (2004). “Due note properziane (1, 8a, 13-16 ; 2, 18c, 35-36)” in BStuLat 34: 35-8.

<sup>42</sup> **Gi** e **Vi** = et.

<sup>43</sup> **Gi** = malum.

<sup>44</sup> **Gi** = sis tu felici praeuecta. **H<sub>1</sub>** = et te felicti post uicta. **Go** = ut te post lecta.

<sup>45</sup> **Gi** = <te> accipiat.

<sup>46</sup> B. K. Gold (1986). “Time, Poetry and Immortality in Propertius (Propertius 1.8)” in CJ, 81:148-57. (152): “Another reason for reanding this poem as a poem about love poetry is the attention to water in 1.8A. Any extended mention of water in Propertius, especially when it inclues certain key words (e.g. mollis) or references to other poets, should make us wonder if this is real or metaphorical water. Propertius often uses water as a metaphor for the two styles of writing, elegy and epic, and later, in a direct imitation of Callimachus, makes this comparison quite explicit. (Cf. 1.9).”

<sup>63</sup> Verg., A. 4.305-311, como neste caso um schtliasmós. Em Virgílio, entretanto, a súplica é dirigida de Dido a Eneas.

<sup>64</sup> Súplica de algo impossível, tópos do adýnaton. O nascimento das Plêiades em abril marca a mudança de estação e permite também a navegação. 2.16.51.

<sup>65</sup> **F<sub>2</sub>** (216) = com mano minacciosa, isto é, ameaçadora.

<sup>66</sup> Ninfa marítima. Filha de Nereu e Dóride. C. Pellegrino (2009). “La storia di Galatea e Polifemo tra Virgilio e Properzio” in Latomus 68.4- 915-922.

<sup>67</sup> Mantive a litotes. Non aliena = não estranho, portanto, propícia.

<sup>68</sup> Havia pensado este ut como final ou causal, entretanto **F<sub>2</sub>** alerta que “ma in questo caso sarebbero violante le leggi che regolano la struttura del distico elegiaco, perchè nulla giustificerebbe la presenza della frase dipendente nel distico successivo a quello della principale”, assim acato apud Fedeli a lição de L. Löfstedt Synt. I 104. [(1936). Vermischte Studien zur lateinischen Sprachkunde und Syntax. Lund; Gleeurp.] que sugere ut exclamativo, analogamente ao 1.11.9-10.

<sup>69</sup> Península localizada na atual baía de Veloma na Albânia.

<sup>70</sup> Cidade portuária do Epiro, na Caônia, atual Albânia.

## Diretoria

<p>nam me non ullae poterunt corrumpere, de te<sup>47</sup>          quin ego, uita, tuo limine uerba<sup>48</sup> querar;          nec me deficiet nautas rogitare citatos<sup>49</sup>          'Dicite, quo portu clausa puella mea est?',          et dicam 'Licet <i>Artaciis</i><sup>50</sup> considat in oris,          et licet <i>Hylaeis</i>, illa futura mea est.'<sup>51</sup> -25          hic erit! hic iurata manet! rumpantur iniqui!          uicimus: assiduas non tulit illa preces. -28          falsa licet cupidus deponat gaudia <i>Liur</i><sup>52</sup>: -29          destitit ire nouas <i>Cynthia</i> nostra uias<sup>53</sup>. -30          illi carus ego et per me carissima <i>Roma</i>          dicitur, et sine me dulcia regna negat.          illa uel angusto mecum requiescere lecto          et quocumque modo maluit esse mea,<sup>54</sup></p>	<p>De fato<sup>71</sup>, nenhuma mulher irá me tirar de ti,          Sem que eu, vida, à tua porta queixe-me poemas<sup>72</sup>          Tampouco eu deixarei de interrogar os nautas velozes:          "Dizei-me em qual porto está presa minha menina?"          Direi mais: "Ainda que ela tenha ficado às margens das <i>Artácias</i>          Ainda que, nas de <i>Hileus</i>, ela sempre será minha."          Aqui ela estará! Aqui jurou permanecer! Arrebentem-se inimigos!          Venci: ela não suportou assíduas preces          Embora a Inveja com comiça deponha alegrias,<sup>73</sup>          Minha <i>Cíntia</i> deixou de viajar por novos caminhos.          Diz que lhe sou caro e que, por mim, <i>Roma</i> lhe é caríssima<sup>74</sup>          E diz que recusa, sem mim, outros doces tronos.          Ela prefere comigo deitar em apertado leito,          E, de qualquer forma, ser minha</p>
--	--

<sup>47</sup> **Gi** = amicae. **H<sub>1</sub>** = taeda.

<sup>48</sup> **H<sub>1</sub>** = fata.

<sup>49</sup> Para o v. 23: D. R. Shackleton Bailey (1949). "Propertiana" in CQ 43.1/2: 22-9.

<sup>50</sup> Opto por artaciis (**H<sub>1</sub>**, **Go**, **Gi**) e não por **F<sub>1</sub>** = **Vi**: atraciis. Tanto **F<sub>2</sub>**, como **H<sub>2</sub>** (37) salientam as possibilidades toponímicas apresentadas nos manuscritos, isto é, **Go** e **H<sub>1</sub>**: Artaciis...Hylaeis; **F<sub>1</sub>** e **Gi**: Atraciis...Hylaeis. Vejamos: Se pensarmos Atraciis, estamos obtendo para a cidade de Átrax na Tessália ou o povo da Etólia, os Átraces (Plin. Nat. 4.6). Entretanto, é possível pensar em Artaciis, Artácies, fonte dos lestrigões, povo da Sicília, Hom. Od. 10.108 (primeiramente adotado por A. Palmer (Dublin, 1880), daí ser mais interessante pensar em adotar as duas localidades mais distantes e, portanto, a solução de **F<sub>1</sub>** seria mais adequada. **H<sub>1</sub>**, porém, adverte que Artaciis pode se referir à fonte de Artácia próxima a Cízico, cidade da Lídia, que aparece em A.R. 1.957. local em que primeiro ancorou Argo. Tal episódio é citado por Call., Ae. 4, fr108-9: Ἀργὸν καὶ σέ, Πάνορμε, κα[τ]ἔδραμε καὶ τὸν ὕδωρ – Argo também a ti, Panormo [Porto de Cízico], às tuas águas). Assim somadas às referências aos Cenáurios, ao Órico (1.8.19-20), ao Hileus, tem-se uma sequência de citações das Argonáuticas, no mesmo poema. Nesse sentido escolho a solução de **H<sub>1</sub>** e, não a de **F<sub>1</sub>**.

<sup>51</sup> **Go**, **Gi** e **H<sub>1</sub>** começam neste verso a 1.8B, supondo, pois a divisão da elegia em duas partes. R. E. White (1961). "Dramatic Unity in Propertius 1.8.2" in CPh 56.4: 217-229 defende a unidade, assim como **F<sub>1</sub>**, ao contrário de **Go**, **H<sub>1</sub>** e **Gi**.

<sup>52</sup> **Go** e **Vi** = liur.

<sup>53</sup> Para os vv. 29-30: H. Casanova-Robin (2011). "La notion de nouveauté dans l'élegie, de Properce à Giovanni Pontano".

<sup>54</sup> Para os vv. 34-6: Whitaker, R. (1983). Myth and Personal Experience in Roman Love-Elegy: 87-135.

<sup>71</sup> **H<sub>2</sub>** (36-7) = "what is the significance of the initial nam? The evidence is lacking to support Fedelli's contention that we have a rhetorical use of particle 'senza alcun valore esplicativo o causale'. If the transmission is correct, the particle implies that the poet's good wishes are based on his eternal fidelity to Cynthia."

<sup>72</sup> paraklausíthyron. Copley, F. O. (1981?). Exclusus Amator.

<sup>73</sup> Para os vv. 29-46: K. S. Myers (1996). "The Poet and the Procuress: The Lena in Latin Love Elegy" in JRS 86:1-21: 13: "Programmatically as well, it has often been remarked that the poet's profession of a humble status is connected with the adoption of Callimachean poetic values. On a generic level, poverty expresses a Callimacheanism related to the rejection of the military themes of epic, as well as the rejection of the bombastic style in favour of refined technique and uncommon themes. It is a moral as well as literary pose suggesting that the poet puts his artistic standards before the temptation to seek easy popularity. Although the pose of poverty is often most closely associated with Tibullus (e.g. 1.1; 1.5), Ovid and Propertius both adopt the posture of the pauper amans (e.g. Am. 1.10; 2.17; 3.8; Ars 2.165-6; Prop. 1.8; 1.14; 2.13b; 2.24c; 2.34; 3.2). In Propertius and Ovid the lena directly attacks poetry and condemns poets for their inpecunity."

<sup>74</sup> Para os vv. 31-6: James, S. L. (2010). "Ipsa Dixerat": Women's Words In Roman Love Elegy in Phoenix 64.3/4: 314-44.

## Diretoria



<p>proxima <i>Misenis</i> aequora nobilibus<sup>85</sup>, nostri cura subit memores a!<sup>86</sup> ducere<sup>87</sup> noctes?<sup>88</sup> -5 ecquis in extremo restat amore locus<sup>89</sup>? an te nescio quis<sup>90</sup> simulatis ignibus hostis sustulit e nostris, <i>Cynthia</i>, carminibus<sup>91</sup>?<sup>92</sup> atque utinam mage te remis confisa minutis paruula <i>Lucrina</i> cumba moretur aqua, -10 aut teneat clausam tenui <i>Teuthrantis</i> in unda<sup>93</sup> alternae facilis cedere lympha manu, quam uacet alterius blandos audire susurros molliter in tacito litore compositam, ut solet amoto labi custode puella, -15 perfida communis nec meminisse deos? non quia perspecta non es mihi cognita fama, sed quod in hac omnis parte<sup>94</sup> timetur<sup>95</sup> amor<sup>96</sup>.</p>	<p>De <i>Tesprotos</i> e, vizinhas dos nobres <i>Misenos</i>,<sup>106</sup> Será que a paixão faz te lembrares de mim à noite? Um lugar me cabe no fundo do teu coração? Ou, desconheço um rival que te roubou, <i>Cíntia</i>, de minhas elegias, com um fogo dissimulado? Quem dera! fosse melhor que um barquinho, confiado a ti,<sup>107</sup> Com reminhos, te retarde nas águas do <i>Lucrino</i> Ou te tenha presa na onda suave do <i>Teutrante</i><sup>108</sup>, Rio calmo para ser ultrapassado a nado, Do que estejas livre para ouvir suaves sussurros de um outro, Tu, delicadamente, largada numa praia deserta! Como é comum de uma menina errar, afastada de um vigia, E, infiel, não se lembrar dos nossos deuses; Não que eu desconheça a manifesta fama, Mas, porque por lá todo amor é temido.</p>
---	--

<sup>85</sup> **Gi** = uerticibus.

<sup>86</sup> Para este verso: Kershaw, A. (1983). "A! and the Elegists: More Observations" in CPh 78.3: 232-3.

<sup>87</sup> **Go** e **H<sub>1</sub>** = adducere. **Gi** = educere

<sup>88</sup> Para os vv. 5-8 e 27-30: G. Parker (2008). "The gender of travel : Cynthia and others" in MD 61 : 85-99.

<sup>89</sup> **Gi** = calor. **H<sub>1</sub>** = pectore restat amor, ao invés de, restat amore locus de **F<sub>1</sub>**, **Go** e **Vi**.

<sup>90</sup> **H<sub>1</sub>** = nescioquis.

<sup>91</sup> **Gi** = pectoribus.

<sup>92</sup> **Go**, **Vi** e **H<sub>1</sub>** = transpõem para o v. 9, os vv. 15 e 16, ficando 8, 15, 16, 9 e 10.

<sup>93</sup> Para o verso 11: F. Cairns (2007). "AP 9,588 (Alcaeus of Messene) and nam modo in Propertius 1,1,11"

<sup>94</sup> **M** = traduz pars por tema, admitindo que pode ser uma referência ao assunto, como também ao lugar.

<sup>95</sup> **H<sub>1</sub>** = ueretur.

<sup>96</sup> **Gi** = cauetur amans.

<sup>106</sup> F. H. Sandbach (1938). "Notes on Propertius" in CQ 52: 211-15: "Deve se supor o rei mítico Tesprotos que reinou na Trespotia, na região do Epiro, em cujo reino foi encontrado um Áornos (Auernus), que de uma forma desconhecida foi transferida para o Averno itálico. Uma vez que Baías fica entre o Averno e Miseno, este persurso seria como dizer ao visitante de Eastbourne 'você esteve em Pevensey perto de Beachy Head?' (explicação nossa: são três localidades do sul da Grã Bretanha, ao centro está Eastbourne ao sul Beachy Head e ao norte Pevensey). Isto significa dizer que existe aí uma inconsistência geográfica. Em Miseno, há uma questão importante, já que não se trata de um plural poético pelo singular como quer **S** (204), segundo **F2** não se trata do promontório Miseno, mas uma aldeia homônima. CIL X 3342 a. Plin., Nat. 3.9. Sandbach continua e propõe a seguinte interpretação final para a complexa questão geográfica dizendo que o reino do rei Tesprotos tinha não só um lago, o Averno, como também dois rios infernais, o Cocito e o Aqueronte (Plin. Nat. 4.4 e Paus. 9.30.6). Da mesma maneira, na região entre Cumas e Miseno, foi encontrado um lago Aqueronte também (Str. 5.244.5), assim para Propércio parece haver uma conexão entre as águas dos rios infernais que passam por Baías. Isto tudo se pensarmos numa linguagem absolutamente referencial. Se nos ativermos à linguagem metafórica, está geografia infernal ao largo de Baías, amplifica os perigos que a cidade implica. C. F. Saylor (1975). "Symbolic Topography in Propertius 1.11" in CJ 75: propõe esse texto como integração incomum entre a topografia, o sentimento e o estilo. Sen. Vit. Beat. 26.1. F. Cairns (2007). "Love at the Seaside: Propertius (1,11) Cynthia, and Baiae" in F. Cairns (2007). Papers on Roman Elegy (1969-2003). Bologna: Eikasmos, Pàtron Editore: 120-33. [= ULR 1 (1989-90): 1-16].

<sup>107</sup> Parece-me que as expressões: remis minutis (v.9), paruula cumba (v. 10), tenui unda (v.11), além de remeter ao registro tipicamente alexandrino, mas, principalmente, catuliano, são elementos fundamentais na construção da imagem de Cíntia nesse poema, isto é, está sendo proposta num enquadramento de leveza e suavidade, **F<sub>2</sub>** (274).

<sup>108</sup> Confirmando, a que parece, a hipótese de Sandbach (1938), aqui mais uma vez Propércio propõe uma transposição geográfica, de acordo com Estrabão (Str. 12.572), Teutrante, afinal, era um rei da Mísia, próxima à cidade eólica de Cumas, entretanto aqui trata-se do pequeno Rio da Campânia, que recebe este

## Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080  
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br

ignoscas igitur, si quid tibi triste libelli <sup>97</sup> attulerint nostri: culpa timoris erit. -20 an <sup>98</sup> mihi nunc <sup>99</sup> maior carae custodia matris aut sine te uitae cura sit ulla meae? tu mihi sola domus, tu, <i>Cynthia</i> , sola parentes, <sup>100</sup> omnia tu nostrae tempora laetitiae <sup>101</sup> . seu tristis ueniam seu contra laetus amicis, -25 quicquid ero, dicam ' <i>Cynthia</i> causa fuit.' tu modo quam primum corruptas desere <i>Baias</i> : multis ista dabunt litora discidium, litora quae fuerunt castis inimica puellis: a <sup>102</sup> pereant <i>Baias</i> , crimen Amoris, aquae! <sup>103</sup> -30	Perdoa-me, se a ti há algo grosseiro no livrinho <sup>109</sup> Meus poemas serão culpa do medo. Ou meu cuidado é maior hoje do que a da mãe ciosa? Ou minha vida sem ti não teria sentido nenhum? Tu és minha casa, tu, Cíntia, só, meus pais, Tu és todos os meus momentos de deleite <sup>110</sup> . Apesar de triste, mostro-me alegre aos amigos Tudo que eu for, direi: "a causa é Cíntia." Assim, quanto antes, saia da devassa <i>Baias</i> : Esta praia separou muitos casais, Praia que foi, que é inimiga de meninas puras: Que sequem as águas de <i>Baias</i> , crime de amor.
---	---

Propércio 1.15	
15 <sup>111</sup>	15
<b>SAEPE</b> <sup>112</sup> ego multa tuae leuitatis dura <sup>113</sup> timebam, hac tamen excepta, <i>Cynthia</i> , perfidia <sup>114</sup> .	<b>Receei</b> sempre a excessiva dureza de tua leviandade, Mas, Cíntia, à exceção desta traição.

nome justamente pela origem de Calcas. Para outros comentadores é um toponímico particular de origem obscura segundo R. Scarcia na edição da BUR.

<sup>97</sup> Catul. 68.31: "ignoscas igitur, si quae mihi luctus ademit..." Ov., Ep. 11.3-4.

<sup>98</sup> **H<sub>1</sub>** = ei.

<sup>99</sup> **Go** e **Vi** = ah...non.

<sup>100</sup> **GW** (405).

<sup>101</sup> **H<sub>1</sub>** = deliciae.

<sup>102</sup> **Go** = ah.

<sup>103</sup> **Gi** = semina nequitiae, ao invés de "crimen Amoris, aquae" de **F<sub>1</sub>**.

<sup>109</sup> Uma boa referência de integração genérica entre este tipo de poesia e as nugae de Catulo. Assim o libellus de Propércio que trata da nequitiae, assemelha-se, muita vez, às invectivas iâmbicas, das nugae, do libellus de Catulo.

<sup>110</sup> Há que se observar que em 1.10.12, como vimos, o termo laetitia deve ser lido em chave erótica 1.10.12; 1.22.24; 1.15.14; 2.6.32; 3.6.3). Não vejo como aqui também não possa sê-lo, ao contrário do que a maior parte dos tradutores fazem. Assoma a esta hipótese, a lição seguida por **H<sub>1</sub>**, propondo em lugar de laetitia, um termo igualmente de viés erótico delicia. Nesse caso num mesmo poema teríamos a interveniência de duas palavras importantes no léxico de Catulo. Vale dizer que seria conveniente observarmos outras ocorrências tanto para um como para outro termo. **Laetitia**: Plaut., Capt. 864; Poen. 1275; Pseud. 1062; Stich. 276. Catul. 76.22; 83.2 e Sall., Cat. 31.1.2. **Delicia**: Catul. 2.1.; 3.4; 6.1.; 32.2; 45.24; Prop. 4.7.75; Plaut., Rud. 426; Poen. 365 (importante); 296 e 280. Podemos pensar ainda que a solução para o último verso proposto por **Gi** seria outro importante argumento para a relação entre laetitia e o senso erótico, já que ele propõe, ao invés de "a pereant *Baias*, crimen Amoris, aquae!", "a pereant *Baias*, semina nequitiae.

<sup>111</sup> A. Allen (1973). "Cynthia's Bedside Manner" in Phoenix 27:381-5. J. H. Gaisser (1972). "Mythological Exempla in Propertius 1.2 and 1.15" in AJPh 98: 385-91. F. Garcia Jurado (2001). "El vestido femenino como motivo elegíaco en Propertius y el Corpus Tibullianum" in CFC(L) 20: 83-98. H. Casanova-Robin (2011). "La notion de nouveauté dans l'épigramme, de Propertius à Giovanni Pontano". P. Fedeli (2004). "La Rhétorique de Exemplum chez Propertius". **Ca** (137) trata esta elegia como pertencente a um dos gêneros não poéticos, funcionando em sua inversão de "um regozijo de satisfação" (gloating over fulfillment), de uma espécie de ameaça profética (threat-prophecy).

<sup>112</sup> **Gi** = Ipse.

<sup>113</sup> **Gi** = iura.

<sup>114</sup> **F<sub>2</sub>** (338) = De início Propércio apresenta o tema da quebra do foedus amoris, isto é, violação da fides. Para tanto propõe o termo: perfidia.

## Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080  
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br

aspice me quanto rapiat fortuna periclo <sup>115</sup> !		Nota com quanto perigo <sup>136</sup> a sorte me rapta!
tu tamen in nostro lenta timore uenis;		Tu, porém, pareces insensível ao meu temor;
et potes hesternis manibus componere crines	-5	E com as mãos <sup>137</sup> , ficas arrumando os cabelos desajeitados <sup>138</sup>
et longa faciem quaerere <sup>116</sup> desidia,		E recompondo a face com enorme desdém <sup>139</sup> ,
nec minus <i>Eois</i> pectus uariare lapillis,		enfeitando teu colo com gemas do leste <sup>140</sup> ,
ut formosa nouo quae parat ire uiro.		Bela mulher <sup>141</sup> que se arruma para ter com outro homem <sup>142</sup> .
at non sic <sup>117</sup> <i>Ithaci</i> digressu mota <i>Calypso</i> <sup>118</sup>		Mas, não foi assim que <i>Calipso</i> , comovida pela partida do <i>Ítaco</i> <sup>143</sup> ,
desertis olim fleuerat aequoribus <sup>119</sup> :	-10	Ficou chorando outrora aos litorais desertos:
multos illa dies incomptis maesta capillis		Abatida, ficou sentada, tempos, com cabelos desgrenhados <sup>144</sup> ,
sederat, iniusto multa locuta salo <sup>120</sup> ,		Queixando-se muito ao sal injusto.
et quamuis numquam post haec uisura, dolebat <sup>121</sup>	-13	Ainda que, depois, nunca mais houvesse de vê-lo, sofria

<sup>115</sup> A. Bennett (1972). “The Elegiac Lie: Propertius 1.15” in *Phoenix* 26: 28-39: entende que periculum supõe que o eu-elegíaco está incerto da profundidade do amor de Cíntia.

<sup>116</sup> **Gi** = tergere.

<sup>117</sup> non sic: 1.2.15 e ss. **F<sub>2</sub>** (343) = é uma fórmula comum para introduzir um aînos (história, lenda, conto) ou um exemplo mítico, destinado a esclarecer uma atual.

<sup>118</sup> Para os vv. 9-22: Whitaker, R. (1983). *Myth and Personal Experience in Roman Love-Elegy*: 87-135.

<sup>119</sup> desertis... fleuerat aequoribus: ou um ablativo de vizinhança (lugar) = apud deserta aequora, como quer **SB** (42), ou um dativo dependente de flere, como vimos em 1.12.15 (raro, de acordo com **TLL**), eu prefiro, assim como **F<sub>2</sub>** (343), já que reafirma o tópos do lamento do amante revoltado contra a natureza, comum tanto na poesia bucólica como na elegíaca, como ocorre em 1.18.1-4.

<sup>120</sup> iniusto ... salo = sempre me pareceu uma simples sinédoque, isto é, sal por água salgada do mar. Entretanto **F<sub>2</sub>** (344) propõe outro elemento importante, pois indica uma fórmula antiga destinada a expressar a natureza injusta do mar: é água, mas não serve para beber. Ov. Am. 2.11.12. A. S. Pease (1943). “The Son of Neptune” in *HSCPh* 54: 71.

<sup>121</sup> **Gi** = monebat.

<sup>136</sup> **OLD**: Doença ou viagem de Navio. Esta questão também é discutida por J. T. Davis (1973). “Propertius’ Periculum in 1.15” in *CJ* 68: 134-7.

<sup>137</sup> Nos três versos seguintes, Propércio propõe um retrato a partir de uma etopéia. A luminosidade ocorre pela evidência do caráter impresso em suas ações e pela precisão de aspectos físicos naturais e artificiais aplicados à persona Cíntia.

<sup>138</sup> haesternis crinis - proponho “cabelos de ontem” como decompostos, desarrumados.

<sup>139</sup> desidia – preguiça, indolência, desídia – corresponde ao tempo gato com suas frivolidades em comparação à pouquíssima atenção dispensada ao amante. contra **F<sub>2</sub>** (340) = Afirma: “Non é precisa neanche l’interpretazione del **TLL** V.711, 73-74 (desidia = neglectio): l’indolenza da parte di Cinzia nel quaerere faciem completa la ideia Del suo esasperante indugiare: prima si aggiusta i capelli, poi si truca com calma e indolenza, invece di accorrere da Properzio”. Entretanto, me parece que ela com a sua indolência está sendo negligente com o amor do amado.

<sup>140</sup> 1.5.13.

<sup>141</sup> Substituí a oração comparativa, introduzida por “ut”, por um aposto resumitivo, como uma bela...por bela mulher que...

<sup>142</sup> nouo uiro – é uma expressão muito interessante neste contexto, pois se de um lado, faz parte da linguagem civil, neste contexto, está sendo subvertido o sentido, produzindo uma bela ironia, já que aqui o novo supõe a alteridade do amásio, do outro, daquele que engana. Vale ainda pensar se Cíntia é metáfora da poesia de Propércio então temos aqui uma referência metalingüística possível aos poetae noui, que estão na base dessa poesia movida bela docta puella. **F<sub>2</sub>** (341) = nouo...uiro. G. Luck (35)[(1964)]. *Properz und Tibull. Elegien, lat. und deutsh.* Zürich: Artemis Verlag] apud Fedeli, interpreta uir como amante, entretanto como noua nupta é usado para esposa, por extensão nouus uir ou nouus maritus, designando esposo.

<sup>143</sup> Antonomásia = Ulisses. Hom., Od. 27.207.

<sup>144</sup> O mito aqui funciona com exemplum às avessas, produzindo uma tensão entre o comportamento de Cíntia sob o prisma do escárnio, do vitupério e o de Calipso, sob o do louvor, da elevação. Tal tensão obviamente produz amplificação no retrato que ora se constrói, na etopéia que se propõe. 1.6.6 e 1.6.17.

## Diretoria

illa tamen, longae conscia laetitiae <sup>122</sup> .	-14	Lembrando-se dos enormes prazeres <sup>145</sup> .
nec sic Aesoniden rapientibus anxia uentis	-17	Nem Hipsipile, inconformada com ventos que lhe tomaram
Hypsipyle <sup>123</sup> uacuo constitit in thalamo <sup>124</sup> .	-18	O Esônide, fixou-se no solitário leito!
Hypsipyle nullos post illos <sup>125</sup> sensit amores,	-19	Hipsipile <sup>146</sup> não sentiu <sup>147</sup> outros amores depois daqueles,
ut semel Haemonio tabuit <sup>126</sup> hospitio.	-20	Desde que se consumiu pelo hóspede Emônio <sup>148</sup> .
coniugis Eudarne miseris elata <sup>127</sup> per ignes	-21	Evadne, lançando-se na triste pira do esposo,
occidit, Argiuae fama pudicitiae.	-22	Morreu, ela, glória da castidade argiva.
Alphesiboea suos ultra est pro coniuge fratres <sup>128</sup> ,	-15	Alfisebeia <sup>149</sup> vingou-se em seus irmãos o marido,
sanguinis et cari uincola rupit amor.	-16	Pois, o <i>Amor</i> rompe vínculos de caro sangue.
quarum nulla tuos potuit conuertere mores,	-23	Nenhuma delas pôde mudar teus hábitos
tu quoque uti fieres nobilis historia.		Para que tu tivesses uma nobre história.
desine iam reuocare tuis periuria uerbis,	-25	Desiste já de perjurar com tuas palavras <sup>150</sup>
Cynthia, et oblitos parce mouere deos;		E não irrites, Cíntia, os deuses que já esqueceram <sup>151</sup> .
audax a! <sup>129</sup> nimium nostro dolitura periclo,		Ah! muito audaz, tu hás de sofrer por minha perda e dano <sup>152</sup> ,
si quid forte tibi durius inciderit!		Se é que, acaso, algo mais sério vai te acontecer.
multa <sup>130</sup> prius: uasto labentur flumina ponto,	-29	
annus et inuersas duxerit ante uices,	-30	

<sup>122</sup> **Gi** = transpõe em 15 de 17-20 e no 17 transpõe 21, ficando: 14,17, 18, 19, 20, 15, 16, 21 e 22 **Vi** = mantém íntegra a ordem do consenso. **H<sub>1</sub>** = transpõe em 15, de 17-42 e suprime os versos 15 e 16, os oferecendo em colchetes no final em separado.

<sup>123</sup> Hipsipile, A.R. 1. 886-7.

<sup>124</sup> uacuo ... in thalamo, topos alexandrino da solidão do amante expresso com a imagem do leito, ou da casa, ou da praia, definidos pela ausência da pessoa amada. A.R. 1.285 e Catul. 64.168.

<sup>125</sup> **H<sub>1</sub>** = illum.

<sup>126</sup> tabescere em contexto erótico é usado como malícia, daí o amor é morbus, pelo que o amante é aeger que necessita de medicina. A. La Penna (1951). “Note sul linguaggio erotico dell’elegia latina” in *Maia* 4:187-209: 206 e ss. **F<sub>2</sub>** (348) = A metáfora é de origem grega: têkesthai, atestada com o sentido de tabescere. Pi., Fr. 123.11 Snell. O sentido de abatido, destruído pelo amor (tékein e têkesthai ou tatêkein e katatêkesthai): Theoc. 1.66.82; 2.29. AP 5.210.2; 7.31.2; 5.272.6; 12.63.4.

<sup>127</sup> **H<sub>1</sub>** = ablata.

<sup>128</sup> **H<sub>2</sub>** (67) = justifica a exclusão dos versos 15 e 16, seguindo [H.-C. Günther (1997). *Quaestiones Propertianae*. Leidein: Mnemosyne suppl. 169: 123-4.], argumentando que o fratricídio está fora de lugar entre as imagens positivas de fidelidade e o dístico de Alfisebeia danifica a seqüência: os seis versos sobre Calipso, que rememora o amor, os quatro de Hipsipile, que nunca mais amou ninguém e os dois de Evadne, que morreu pelo marido na pira.

<sup>129</sup> **Go** e **Vi** = ah.

<sup>130</sup> **Go** = alta...retro. **Gi** = nulla. **H<sub>1</sub>** = nam...e uasto.

<sup>145</sup> laetitiae aqui mais uma vez usado em sentido erótico, como já vimos em 1.10.12 e 1.11.24.

<sup>146</sup> Ov. Ep. 6.1.

<sup>147</sup> A conotação do sentire nullos amores parece-me absolutamente erótica também.

<sup>148</sup> Além de ser relativo a Tessália (como em 1.13.21, relativo ao rio Enipeu, lá emônio), o adjetivo segundo OLD em 2ª acepção aparece na perífrase de vários nomes de herós, como Aquiles (3.1.26), Pirro em Ov., Am. 2.9.7; Jasão em 1.15.20, neste caso, portanto; Quíron em Ov., Met. 2.81 e aos argonautas em Ars 1.16.

<sup>149</sup> **F<sub>2</sub>** (350) = Apenas em Propércio é atestada a vingança consumada por Alfisebeia contra os danos dos irmãos.

<sup>150</sup> A partir deste ponto, o eu-elegíaco passa a estabelecer um diálogo fictício com Cíntia, bem aos moldes alexandrinos da AP. AP, 5.181 (Asclepiades); 5.178 e 5.182 (Meleagro); 5.308 (Filodemo) e 5.130 (Mécio). O mais significativo, entretanto, de acordo com **F<sub>2</sub>** (353), é o de Meleagro 5.184.1-3: “Ἐγνων, οὐ μὲν ἔλαθεσ, τί θεοῦς; οὐ γάρ με λέληθας // ἔγνων μηκέτι νῦν ὄμνυε πάντ’ ἔμαθον. // ταῦτ’ ἦν, ταῦτ’, ἐπίορκε;

<sup>151</sup> Portanto, a solução de **Bu** (41) “the gods thou hast so long forgotten”, não é boa já que os são objetivos e não subjetivos, mas em nota Butler oferece a resposta correta à expressão oblitos...deos: “the gods who have forgotten and forgiven”. **F<sub>2</sub>** (354) = Oblitus, quindi, è qui usato con valore di aggettivo e corrisponde a obliuiosus, neglegens, dimentico, cioè, dei falsi giuramenti degli amanti. 4.4.22; Catul. 64.208.

<sup>152</sup> **OLD** periculum, i = 4ª acepção: responsibility for the damage.

## Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080  
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br

<p>           quam tua sub nostro mutetur pectore cura:            sis quodcumque uoles, non aliena tamen.            tam tibi ne uiles isti uideantur ocelli,            per quos saepe mihi credita perfidia est!            hos tu iurabas<sup>131</sup>, si quid mentita fuisses,            ut<sup>132</sup> tibi suppositis exciderent manibus:            et contra magnum potes hos attollere Solem,            nec tremis admissae conscia nequitiae<sup>133</sup>?            quis te cogebat multos pallere colores<sup>134</sup>            et fletum inuitis ducere luminibus?            quis ego nunc pereo, similis moniturus amantis            'O nullis<sup>135</sup> tutum credere blanditiis!'         </p>	<p>           Primeiro, nenhum rio deixará de correr para o vasto mar<sup>153</sup>            E o ano terá suas estações invertidas,            Antes que teu amor tenha mudado do fundo do meu peito:            Seja o que quiseres, contudo, não me sejas indiferente,            Estes olhinhos não te pareçam de tão pouco valor;            Pelos quais, amiúde, acreditei em tua traição!            Por eles tu juravas, se mentiste, dizias<sup>154</sup>            Que eles cairiam no côncavo de tuas mãos!            Tu poderias levantá-los contra o sol já alto?            E não tremeres, consciência da infidelidade que cometeste?            Quem te constrangia a mudar de cor            E a te levar ao choro sem que teus olhos o quisessem?            Por isso, eu agora morro; mas hei de advertir aos amantes iguais:<sup>155</sup>            “Ah!, não é seguro acreditar em alguns afagos!”         </p>
--	---

<sup>131</sup> **F<sub>2</sub>** (359) = ficção dialógica referida em v. 25, e isto justifica a presença dos demonstrativos.

<sup>132</sup> **F<sub>2</sub>** (360) = em relação a “ut”: “bisogna sottintendere un uerbum orandi, da cui dipenda lo “ut”; otra parte un senso di preghiera era già insito in iurabas.”

<sup>133</sup> nequitia = devassidão. É termo essencial para a elegia erótica. Como já vimos em 1.6.26. **F<sub>2</sub>** (360) = afirma nesta passagem como conclusão que a infração, a traição seguramente foi cometida. **Pi** (202).

<sup>134</sup> Tópos da alteração da cor, tão comum na erótica. AP 5.48 (Rufino).

<sup>135</sup> **Go** e **H<sub>1</sub>** = non ullis.

<sup>153</sup> 1.8.10; 2.15.31. Adýnaton. Para os vv. 29-32: I. Villalba de la Güida (2010). “En las fronteras del adynaton: lo imposible como recurso retórico-poético en la elegía latina” in CFC(L) 30.1: 77-99.

<sup>154</sup> Eis aqui o uerbum orandi que **F<sub>2</sub>** (360), defende que deve estar implícito para que o ‘ut’ seguinte faça sentido.

<sup>155</sup> Para os vv. 41-2: James, S. L. (2010). “Ipsa Dixerat”: Women's Words In Roman Love Elegy in Phoenix 64.3/4: 314-44.

#### Diretoria